

**RESGATE DO CONHECIMENTO TRADICIONAL DE  
PLANTAS ETNOFAMACOLÓGICAS UTILIZADAS NA  
COMUNIDADE REMANESCENTE DE QUILOMBOLAS DE  
CONCEIÇÃO DAS CRIOULAS**

**RESCUE OF TRADITIONAL KNOWLEDGE OF  
ETHNOPHARMACOLOGICAL PLANTS USED IN THE  
REMAINING COMMUNITY OF QUILOMBOLAS OF  
CONCEIÇÃO DAS CRIOLOLA**

DOI: <https://doi.org/10.31692/2595-2498.v2i1.139>

<sup>1</sup> PEDRO HENRIQUE LIMEIRA NASCIMENTO  
Graduando em Licenciatura em Ciências Biológicas, FACHUSCH  
phln2009@hotmail.com

<sup>2</sup> DAN VITOR VIEIRA BRAGA  
Mestre em Gestão e Políticas Ambientais, FACHUSCH  
dan.braga@fachusc.com

## RESUMO

A etnobotânica é uma parte da ciência que estuda a contribuição etnológica e as relações do homem para com a natureza. A utilização de plantas medicinais é a cultura de cura mais antiga e que perdura até o presente. As comunidades rurais, em especial as tradicionais, procuram a cura para suas enfermidades e melhorias de vida, nas substâncias ativas presentes nos medicamentos fitoterápicos. As plantas medicinais são utilizadas como alternativas viáveis aos medicamentos industrializados, pois estão mais facilmente disponíveis, são de menor custo de obtenção e constituem uma prática culturalmente transmitida de geração para geração. Neste sentido, esta pesquisa visou realizar a documentação das plantas medicinais utilizadas na comunidade quilombola de Conceição das Crioulas, Salgueiro, Brasil. Os dados foram obtidos a partir de entrevista semiestruturada aplicadas a 10% dos moradores da comunidade. A comunidade relatou o uso de uma significativa diversidade de plantas e indicações fitoterápicas. O uso empírico das plantas medicinais é uma constância na rotina dos entrevistados e gera uma demanda frequente para obtenção de insumos que pode causar impactos negativos na saúde dos moradores da comunidade e na sustentabilidade da biodiversidade local da Caatinga. O resgate do conhecimento tradicional do uso de fitoterápicos pela comunidade quilombola de Conceição das Crioulas feito pela presente pesquisa, embora tenha origem empírica do ponto de vista farmacológico, atua como um registro da memória cultural desta comunidade e servirá de base para futuras pesquisas em fitofarmacologia.

**Palavra-chave:** comunidades tradicionais. cultura. etnobotânica. plantas medicinais.

## ABSTRACT

Ethnobotany is a part of science that studies the ethnological contribution and relationships of man to nature. The use of medicinal plants is the oldest healing culture that persists to the present. Rural communities, especially traditional ones, seek the cure for their illnesses and improvements in their lives, in the active substances present in herbal medicines. Medicinal plants are used as viable alternatives to industrialized medicines, as they are more easily available, have a lower cost of obtaining and constitute a practice that is culturally carried over from generation to generation. In this sense, this research aimed to carry out the documentation of medicinal plants used in the quilombola Community of Conceição das Crioulas, Salgueiro, Brazil. Data were obtained from semi-structured interviews applied to 10%

of the community's residents. The community reported the use of a significant diversity of plants and herbal indications. The empirical use of medicinal plants is a constant in the interviewees' routine and generates a frequent demand for obtaining inputs that can cause negative impacts on the health of community residents and on the sustainability of the local biodiversity of the Caatinga. The rescue of traditional knowledge of the use of herbal medicines by the quilombola community of Conceição das Crioulas made by the present research, although it has an empirical origin from the pharmacological point of view, acts as a record of the cultural memory of this community and will serve as a basis for future research in phytopharmacology

**Keywords:** traditional communities. culture. Ethnobotany. medicinal plants.

## INTRODUÇÃO

A etnobotânica concilia o conhecimento tradicional e o científico, permitindo descobrir os recursos que as espécies vegetais possuem. Essas espécies de interesse econômico são manejadas pelas populações, resultando em uma íntima relação entre as comunidades e seus ambientes naturais. (CARNEIRO et al. 2020). A ordenação etnofarmacológica permite que hipóteses sejam formuladas para saber se determinada substância presente, tem seus ativos necessários para servir a seu fim. Entretanto, no Brasil a inclusão de plantas como medicamento na cultura ainda é pouco difundida, apesar de serem muito utilizadas em regiões como a Amazônia, Cerrado e Mata Atlântica (SAMPAIO et. al. 2013).

A utilização de plantas medicinais pela população brasileira tem descendência à cultura indígena, mas também africana e europeia (NETO et al., 2014; OLIVEIRA et al. 2016). O Brasil se destaca por possuir uma significativa biodiversidade vegetal, o que gera grande interesse internacional (SANTOS et al. 2017). Devido à grande miscigenação cultural brasileira, verifica-se amplo conhecimento popular a respeito de plantas medicinais, gerando um grande leque de variações e cultura sobre as mesmas (SILVA; ALMEIDA, 2020).

Apesar da medicina moderna e o uso de medicamentos industrializados estar em alta, a procura por fármacos alternativos de origem natural, aumenta a cada dia (ARGENTA et al. 2011). Com isso, as políticas de saúde pública, como a Organização Mundial de Saúde (OMS), juntamente com o Sistema Único de Saúde (SUS) no Brasil, promove e estimula cada vez mais, a inserção do uso de plantas com ativos medicinais e fitoterápicos, em tratamentos principalmente através do Programa de Saúde na Família (PSF) de comunidades rurais (BRASIL, 2011).

Apesar disso, segundo Almeida (2011), muitos conhecimentos tradicionais acerca do uso de plantas em comunidades tradicionais foram perdidos, bem como ainda há muito a se catalogar. Atualmente, muitos princípios da etnofarmacologia vêm sendo estudados em busca dos seus ativos funcionais para o desenvolvimento de novos medicamentos e tratamentos (ARGENTA,2011).

É infutável que o conhecimento tradicional e o uso popular acerca das plantas medicinais venha sendo perdido e a cultura destas populações descaracteriza por práticas socioeconômicas exógenas à tradição local. O entendimento das relações existentes entre as comunidades quilombolas e as plantas medicinais é de importância intrínseca para a cultura desses povos (BANDEIRA; GOMES, 2012). O conhecimento etnofarmacológico utilizado nos processos de cura pode fornecer informações relevantes para a determinação do perfil

epidemiológico da comunidade e assim, melhor direcionar as políticas públicas de saúde (BARROSO et al. 2010; NEGRI; RODRIGUES, 2010; CREPALDI; PEIXOTO, 2010; OLIVEIRA et al. 2011).

Baseado no exposto acima, o objetivo desta pesquisa foi descrever o uso etnofarmacológico de espécies da Caatinga realizado conforme a percepção da comunidade quilombola de Conceição da Crioulas, Salgueiro-PE.

### **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

De acordo com Miguel (1999), as plantas tem sido, desde os tempos imemoráveis, um recurso utilizado que está ao alcance do homem. Durante tempos milenares, as comunidades buscaram através das plantas, a cura para suas enfermidades. Nesse contexto, o homem baseou se na sua experiência empírica, que foi aprofundada ao passar do tempo, demonstrando uma inter-relação entre o uso das plantas e sua evolução.

O processo permite que o ser humano se vincule com a natureza ambiental, tendo influência e poder com princípios ativos dos vegetais, com o seu manuseio, pode corroborar com organismo para normalizar funções fisiológicas prejudicadas, restaurar a imunidade enfraquecida, promover a desintoxicação, minimizar lesões crônicas e dores comuns (FRANÇA et al. 2008)

Segundo Barrera (1979), os estudos etnobotânicos se concentram no ponto fundamental, que não segue somente nas plantas em si, mas também o valor cultural desses indivíduos. As plantas só são consideradas medicinais, quando utilizadas para fins da manutenção ou obtenção da saúde. No entanto, essas indicações precisam ser validadas pela medicina, e incluídos na farmacopeia, processo que requer, práticas experimentais e validações (LORENZI et al. 2002).

Salvo a importância de reconhecer o que se está sendo utilizado para autorremediação, embora muitas plantas contenham seus princípios ativos em baixas concentrações, é um importante saber quais os limites de dosagens. Mauad (2016) destaca que, embora muitas plantas comumente utilizadas e conhecidas, não se sabe ao certo o poder e a eficiência de suas substâncias, mesmo que apresentem sinais de “cura” a consequência pode vir com efeitos danosos ao consumidor.

O escasso conhecimento a respeito dos constituintes responsáveis pela atividade farmacológicas, acontece pelo simples fato de se tratar de um produto natural, ao alcance de muitos, sendo assim sempre se recomenda antes da utilização de qualquer fármaco obter o diagnóstico de um especialista.

Apesar destas consequências que não podem ser desconsideradas, grande parte da população faz o uso desse método por motivos diversos: por herdar esse conhecimento popular de suas gerações passadas, o alto custo dos medicamentos industrializados, o difícil acesso da

população à assistência médica, a distância das comunidades rurais e tradicionais dos centros de atendimento médico; por não terem acesso prescrição médica, ou acesso a qualidade de saúde, mesmo que pública. Todos esses motivos levam as comunidades ao uso de etnofarmacológicos. Em tempos de crise econômica, gera-se uma forte tendência ao uso de produtos de origem natural, principalmente etnofármacos (SIMÕES et al. 1998).

Em 2006, através do Decreto da Presidência da República nº. 5.813, de 22 de junho, foi criada a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos, essa política incrementou todas as possibilidades, percalços e vantagens da fitoterapia nos serviços de saúde pública, além de ressaltar sobre todas as concepções, aceitações e rejeições que muitos profissionais, gestores e órgãos manifestaram.

Resgatar e valorizar o conhecimento tradicional e promover a troca de informações entre grupos de usuários, detentores de conhecimento tradicional, pesquisadores, técnicos, trabalhadores em saúde e representantes da cadeia produtiva de plantas medicinais e fitoterápicos. (BRASIL, 2006b, p. 50).

Como cita o Ministério de Saúde (2012), a implementação de farmacológicos no Sistema Único de Saúde (SUS) resgatou uma valorização a essa prática antiga de origem popular, salvo o fato de aumentar as possibilidades dos avanços de estudos científicos em prol da evolução da saúde, onde, interrelaciona-se o conhecimento científico e o conhecimento popular e seus diferentes entendimentos. Conforme Munanga (1996), Quilombo deriva do aportuguesamento de Kilombo, um vocábulo originário dos povos de língua bantu, língua que pertence ao subgrupo nigero congolês, cujos territórios concentram-se na porção centro-oeste do continente africano.

A presença dos quilombos no Brasil, é significativa, muitos desses povos, foram escravizados e trazidos para o Brasil, onde ocuparam terras, e ao passar do tempo, ganharam reconhecimento e identificação. Sabe-se que os quilombos carregam grande conhecimento acerca de plantas medicinais, de forma alternativa para a cura de suas eventuais enfermidades. Segundo Monteles e Pinheiro (2007), comunidades que vivem em constante contato com o ambiente natural, apresentam fortes índices de cultura natural. Com seus hábitos, e ligação com esse ambiente, aprendem além da realidade da natureza, formas e conhecimentos, não só ligadas às experiências e racionalidades, mas em valores, símbolos, crenças e mitos. A etnobotânica é de importância intrínseca nesses estudos, área que proporciona o entendimento da interação do homem como ambiente, e todos os tipos de inter-relações: ecológicas, evolucionárias e simbólicas (ALEXIADES, 1996).

## **METODOLOGIA**

A microrregião de Salgueiro está localizada na mesorregião do Sertão Central no

interior de Pernambuco, o município fica a 512km da capital, Recife. Conta com uma população estimada de 61.561 habitantes e o bioma que predomina na região é a Caatinga (IBGE, 2021a; 2021b; 2021c; 2022).

A área foco da pesquisa foi a comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas situada no segundo distrito de Salgueiro, a comunidade se encontra a uma distância de 48km da sede municipal. Conceição das Crioulas, abrange um grande valor cultural para a região, e ainda mantém uma intensa ligação com sua flora e, conseqüentemente, faz uso da etnofarmacologia local. Nos últimos anos, a comunidade ganhou identidade e forte reconhecimento cultural atrelado à uma forte estrutura matriarcal (SOUZA, 2006). Atualmente, residem na Comunidade cerca de 4.000 moradores, organizados em 20 núcleos habitacionais, denominados “sítios” onde vivem cerca de 750 famílias.

Segundo Silva (2012), na parte central do território de Conceição das Crioulas, chamado de “Vila de Conceição das Crioulas” abrigam-se duas escolas, a Biblioteca Afro-Indígena, o Centro Comunitário, o posto de saúde e a sede da Associação Quilombola de Conceição das Crioulas (AQCC), sendo a população residente na vila o público alvo desta pesquisa.

Este trabalho foi realizado no período de agosto a outubro de 2022, caracterizado como uma pesquisa de campo, que adota uma natureza etnográfica, e que buscou registrar o conhecimento popular das plantas medicinais utilizadas pela comunidade quilombola de Conceição das Crioulas.

Como destacado por Fonseca (1998), a pesquisa etnográfica é uma ferramenta de importante compreensão, pois uma visão abrangente no meio, que possibilita estabelecer os processos de aprendizado, de comunicação, e de inter-relação entre o pesquisador e a área pesquisada.

Foram utilizadas como base, fontes secundárias para composição do arcabouço teórico da pesquisa as plataformas Periódicos CAPES, Scielo, Lume e Google Acadêmico. A coleta de dados foi realizada através de uma entrevista semiestruturada não nominal, direcionada a 30 habitantes da Vila de Conceição das Crioulas, o que corresponde a 10% da população local. Os participantes foram escolhidos de forma aleatória entre os adultos presentes nas residências da comunidade, não sendo feita distinção entre gênero dos informantes.

A entrevista foi constituída por cinco perguntas abertas e uma de múltipla escolha, abordando a espécie utilizada como medicinal, suas indicações, as partes utilizadas e a forma de preparo dos medicamentos. De modo complementar, foi indagado a origem do conhecimento etnofarmacológico dos informantes e onde eles adquiriam a matéria prima para fabricação dos medicamentos.

Os resultados obtidos foram organizados em uma tabela descritiva das etnoindicações

para fins medicinais. As espécies relatadas pelos informantes tiveram seus nomes científicos identificados através de chaves de identificação e levantamento bibliográfico em literatura especializada. O sistema de classificação adotado neste trabalho foi o Angiosperm Phylogeny Group III (APG, 2009).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A comunidade relatou uma diversidade de 43 espécies de plantas medicinais pertencentes à 28 famílias botânicas (Tabela 01). Dessas, a que obteve a maior quantidade de indicações terapêuticas foi a Umburana de cheiro (*Amburana cearensis*) que obteve a frequência relativa de 7,69%.

Esta espécie é utilizada pela comunidade quilombola para gripe, indigestão, inflamações, infecções em geral, febre e febre intestinal. A comunidade utiliza suas cascas e sementes das seguintes formas: banho por infusão fria; chá por infusão e chá por decocção. Um fato significativo a ser destacado é que a comunidade relatou que cultiva a Umburana de cheiro para extração dos materiais necessários para o preparo dos medicamentos.

A Umburana de cheiro é espécie arbórea típica da Caatinga e bastante utilizada na medicina popular no nordeste do Brasil (GOMES et al. 2008), sendo de porte arbóreo e podendo ter de 6 a 12 metros de altura (MAIA, 2004).

**Tabela 01:** Inventário de plantas medicinais conforme a descrição dos moradores da comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas, Salgueiro-PE. Legenda: N.C. Nome científico; N.V. Nome vernáculo; IND. Indicações; Órg. Órgãos Vegetais utilizados no preparo dos medicamentos; Fol. Folha; Cas. Casca; Sem. Semente; Muc. Mucilagem; Fru. Fruto; FqR. Frequência relativa das citações.

Família	N.C	N.V	IND	Órg.	Formas de preparo
Amaranthaceae	<i>Chenopodium ambrosioides</i>	Mastruz	7	Fol	Chá por decocção; Chá por infusão; Compressa; Chá por infusão fria
	<i>Anacardium occidentale</i>	Cajueiro	1	Cas	Chá por infusão
	<i>Schinus terebinthifolia</i>	Aroeira	1	Cas	Banho por infusão fria
Annonaceae	<i>Annona squamosa</i>	Pinha	1	Fol	Chá por decocção
	<i>Annona muricata</i>	Gravioleira	1	Fol	Chá por decocção
Apiaceae	<i>Coriandrum sativum</i>	Coentro	1	Sem	Chá por infusão
	<i>Pimpinella anisum</i>	Erva-doce	1	Fol	Chá por infusão
Asphodelaceae	<i>Aloe vera</i>	Babosa	6	Muc	Mucilagem comestível;
Asteraceae	<i>Achyrocline satureioides</i>	Marcela	6	Sem	Maceração; Chá por decocção; Chá por infusão
	<i>Cnicus benedictus</i>	Cardo-santo	1	Fru	Chá por decocção
Bignoniaceae	<i>Handroanthus serratifolia</i>	Pau-d'arco	1	Cas	Chá por decocção
Cactaceae	<i>Cereus jamacaru</i>	Mandacaru	2	Muc	Mucilagem comestível
	<i>Opuntia ficus-indica</i>	Palma	1	Muc	Mucilagem comestível
	<i>Carica papaya l.</i>	Mamoeiro	1	Fol	Chá por decocção
Combretaceae	<i>Terminalia catappa linn</i>	Castanhola	1	Fol	Chá por decocção

Crassulaceae	<i>Kalanchoe daigremontiana</i>	Alentro	1	Fol	Chá por decocção
Cucurbitaceae	<i>Momordica charantia</i>	Melãozinho	2	Fol	Chá por infusão; compressa
Euphorbiaceae	<i>Croton conduplicatus</i>	Quebra-faca	3	Cas; Fol	Chá por infusão; Chá por infusão fria
Fabaceae	<i>Amburana cearensis</i>	Umburana-de-cheiro	9	Cas; Sem;	Banho por infusão fria; Chá por infusão; Chá por decocção
	<i>Commiphora leptophloeos</i>	Umburana-de-cambão	5	Sem; Fol; Cas	Xarope; Chá por decocção
	<i>Bauhinia forficata</i>	Mororó	4	Cas	Chá por decocção; Compressa; Chá por infusão
	<i>Hymenaea courbaril</i>	Jatobá	2	Cas	Chá por decocção; Xarope
	<i>Stryphnodendron</i>	Barbatimã	2	Cas	Chá por decocção; banho por infusão fria
	<i>Cajanus cajan</i>	Andu	1	Fol	Chá por decocção
	<i>Libidibia ferrea</i>	Pau-ferro	1	Cas	Garrafada
Lamiaceae	<i>Mentha piperita L</i>	Hortelã	6	Fol	Xarope; Chá por decocção
	<i>Melissa officinalis</i>	Erva-cidreira	6	Fol	Chá por decocção;
	<i>Salvia rosmarinus</i>	Alecrim	4	Fol	Inalação por infusão; Banho por infusão fria;
Lauraceae	<i>Cinnamomum verum</i>	Canela	2	Cas	Chá por decocção
Malvaceae	<i>Malva sylvestris l</i>	Malva-do-reino	6	Fol	Chá por decocção; Xarope;
	<i>Guazuma ulmifolia</i>	Embira	1	Raiz	Chá por infusão
Monimiaceae	<i>Peumus boldus</i>	Boldo	3	Cas; Fol;	Chá por decocção
Moringaceae	<i>Moringa oleifera</i>	Moringa	2	Fol	Chá por decocção
<b>Família</b>	<b>N.C</b>	<b>N.V</b>	<b>IND</b>	<b>Órg.</b>	<b>Formas de preparo</b>
Myristicaceae	<i>Myristica fragrans</i>	Noz-moscada	1	Sem	Chá por infusão
Myrtaceae	<i>Psidium guajava</i>	Goiabeira	1	Fol	Chá por decocção
	<i>Eucalyptus globulus labill</i>	Eucalipto	1	Fol	Chá por decocção
Olacaceae	<i>Ximenia americana l</i>	Ameixa	7	Cas	Chá por decocção; Compressa; Banho por infusão fria
Phyllanthaceae	<i>Phyllanthus niruri</i>	Quebra-pedra	3	Fol	Chá por decocção
Poaceae	<i>Cymbopogon citratus</i>	Capim-santo	4	Fol;	Chá por decocção
	<i>Saccharum officinarum</i>	Cana-de-açúcar	2	Cas	Chá por decocção
Rubiaceae	<i>Genipa americana l</i>	Jenipapo	3	Cas; Fol	Compressa; Chá por decocção
Rutaceae	<i>Citrus × sinensis</i>	Laranjeira	1	Fol	Chá por decocção
Urticaceae	<i>Urtica dioica l</i>	Urtiga	1	Raiz	Chá por decocção
Zingiberaceae	<i>Alpinia zerumbet</i>	Colônia	1	Fol	Chá por decocção

Fonte: Própria (2022).

A segunda planta medicinal mais citada pelos informantes foi a Ameixa (*Ximenia americana L.*), com 5,98%. Esta espécie pertence à família Olacaceae, popularmente chamada de ameixa brava, ameixa do campo, ou ameixa da Caatinga. A ameixa compõe o extrato arbustivo arbóreo da Caatinga e sua utilização na medicina popular é voltada para o tratamento

de dores estomacais, sífilis, reumatismo e infecções de boca.

Esta já foi analisada e teve a sua atividade antimicrobiana comprovada por Pereira (2014). Grande parte dos informantes descreveram o uso das cascas da Ameixa em formas de compressas e banhos para tratar de hematomas e cicatrização. Já o preparo do chá por decocção da casca, foi indicado para o tratamento de úlceras gástricas.

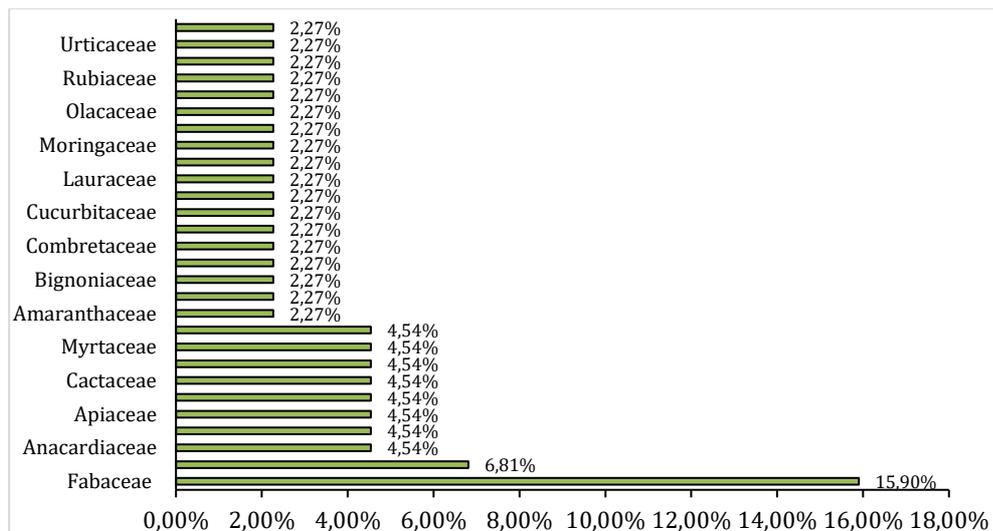
A terceira planta mais citada foi o Mastruz (*Chenopodium ambrosioides L.*), com 5,98% das citações. O Mastruz pertencente a família Amaranthaceae. É uma herbácea originária da América Central e Sul, de cheiro forte, que representa a planta, por seu habitat silvestre considera-se uma planta daninha em algumas regiões do país. As folhas e frutos acumulam óleo essencial rico em Ascaridol, princípio ativo responsável pelo efeito vermífugo da planta (LORENZI; MATOS, 2002).

O uso comum do mastruz segundo o levantamento, tem finalidade para tratar de infecções, pois combate fungos e bactérias, bem como hematomas e feridas, a modo de uso, pode ser feito um chá por decocção ou infusão para tratar infecções intestinais, e banhos e compressas por infusão fria, para tratar de hematomas. CYSNE (2016) ressalva um estudo avaliando o efeito do mastruz como antiparasitário da malária, já que o ativo Cloroquina, está presente na planta, substância utilizada em tratamento de Malária.

No mais, outros efeitos medicinais ativos foram constatados para o Mastruz, tais como ação anti-inflamatória (KOLA-MUSTAPHA et al. 2020), antioxidante e anticâncer (TAUCHEN et al. 2018). Segundo estes últimos autores, os alcaloides e compostos fenólicos nela presentes podem contribuir significativamente para a atividade anticancerígena/antioxidante desta planta e os resultados por eles apresentados justificam o uso medicinal tradicional desta planta citado na presente pesquisa.

A família Fabaceae foi a mais representativa (15,9%) entre as plantas citadas como medicinais pela comunidade (Figura 02), seguida por Lamiaceae (6,81%). Oito famílias apresentaram a mesma frequência relativa, Anacardiaceae, Annonaceae, Apiaceae, Asteraceae, Cactaceae, Malvaceae, Myrtaceae, Poaceae, com 4,54% das plantas citadas. A maior parte das famílias identificadas possuiu apenas uma representante indicada como medicinal (Figura 02).

**Figura 02.** Frequência Relativa das famílias botânicas com representantes utilizados como plantas medicinais pela comunidade quilombola de conceição das Crioulas, Salgueiro, Brasil.



Fonte: Própria (2022).

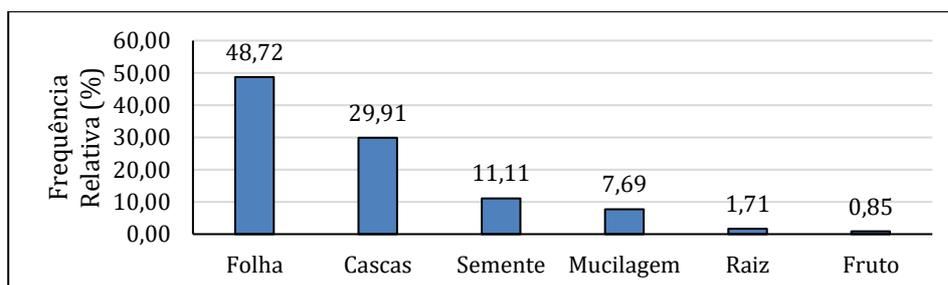
A família Lamiaceae apresenta vários representantes com propriedades medicinais comprovadas e é frequentemente citada pelas comunidades por suas propriedades medicinais. Das plantas desta família citadas pela comunidade pode-se destacar o Hortelã (*Mentha piperita*), Erva cidreira (*Melissa officinalis*) e o Alecrim (*Salvia rosmarinus*).

O Hortelã é uma erva aromática de sabor agridoce, anual, ou perene, com ramos de cor verde escuro a roxo púrpura (LORENZI; MATOS, 2008). Possui um óleo essencial, considerado industrialmente importante (DAVID; BOARO; MARQUES, 2006) por ser rico em  $\alpha$ -fenol, composto demandado principalmente pelas indústrias de cosméticos e alimentícias na categoria de fragrância e sabor (OLIVEIRA, 2011).

A comunidade faz uso das folhas de hortelã, para produção de chá por decocção, ou xarope para tratar de gripe, febre, servindo também como expectorante. Também foi citado o efeito antiespasmódico, estimulante digestivo, laxativo, e para alívio das cólicas intestinais.

Dentre as partes das plantas utilizadas para o preparo dos medicamentos pela comunidade alvo da pesquisa (Figura 03), houve predominância das folhas (48,71%), seguida pelo uso das cascas (21,91%) e das sementes (11,11%).

Figura 03: – Frequência relativa das partes das plantas utilizadas para o preparo dos medicamentos fitoterápicos pela comunidade quilombola de Conceição das Crioulas, Salgueiro, Brasil.



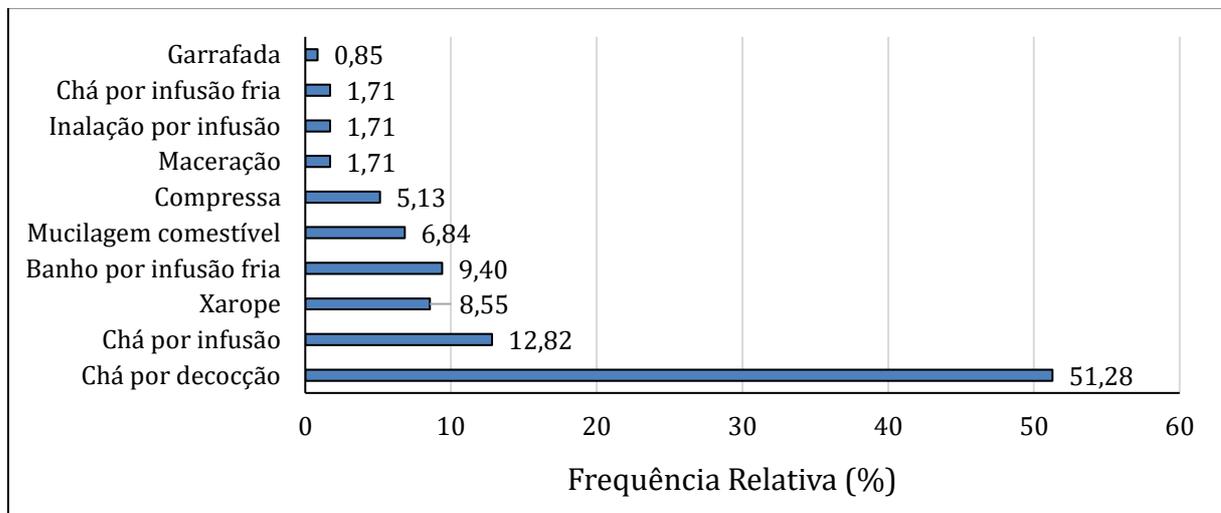
Fonte: Própria (2022)

Vários autores afirmam que as folhas são comumente utilizadas para o preparo de fitoterápicos, pois são os órgãos mais comuns, acessíveis das plantas e estão, na maior parte do tempo, disponíveis a coleta (CASTELLUCCI et al. 2000; PEREIRA et al. 2004, VENDRUSCOLO; MENTZ, 2005, SILVA; DREVECK; ZENI, 2009; OLIVEIRA; MENINI NETO, 2012).

De acordo com Silva et al. (2009), comparada à remoção de outras partes da planta, o uso das folhas é uma forma menos agressiva de extração e mais sustentável. Ele, geralmente, propicia uma conservação da planta para usos posteriores, evitando danos as populações locais

A forma de preparo mais comumente citada para o preparo dos fitoterápicos foi o chá por decocção (51,28%) (Figura 04). Segundo Almasy Júnior et al. (2005), o uso correto do chá deve ser levado em consideração devido aos diferentes princípios ativos presentes nas folhas e outros órgãos das plantas que podem ser perdidos no processo de extração.

**Figura 04:** – Frequência relativa das formas de preparo dos medicamentos fitoterápicos pela comunidade quilombola de Conceição das Crioulas, Salgueiro, Brasil.



Fonte: Própria (2022).

Os Chás são uma forma muito frequentemente relatadas na cultura popular das comunidades tradicionais por serem de fácil preparo e sua aplicação vai desde a preparação de cosméticos a indústria farmacêutica de grande escala (FOTAKIS et al. 2016).

Na entrevista foi possível perceber que os informantes relataram o frequente uso dos chás em sua rotina diária. os chás possuem inúmeros compostos fitoquímicos extraídos das plantas em seu preparo como: alcaloides, glicídios, cumarinas, flavonóides, iridóides e naftoquinônico. Sabe-se que estes fitoquímicos, quando usados de forma incorreta, ou exagerada, podem vir a causar efeitos danosos ao usuário (CUNHA et al. 2003).

A grande maioria dos membros da comunidade que participaram da entrevista (93,33%) relatou que obteve seu atual conhecimento acerca das plantas medicinais e suas indicações fitoterápicas com as gerações passadas através de ensinamentos transmitidos pelos familiares, geralmente pais e outros parentes. Apenas 7,33% relatou que o seu conhecimento advém das rezadeiras e benzedeiras que residem na comunidade.

O uso de plantas medicinais por populações, especificamente de áreas afastadas dos centros urbanos está diretamente ligado à seus familiares e ao ambiente natural, sendo transmitido de geração a geração (MOREIRA et al., 2002). Embora apresentando-se com menor relevância na comunidade estudada, rezadeiras e benzedeiras, são guardiões da cultura etnofarmacológica das comunidades tradicionais (ARRUDA-CAMARGO, 2006). Essas agentes que atuam nas comunidades e executam a prática das rezas acionando um mundo material e simbólico de conhecimentos do catolicismo popular para restabelecer a saúde física e espiritualidade das pessoas que as procuram (SANTOS, 2009), principalmente em comunidades remanescentes de quilombos.

Quanto a forma de obtenção da matéria prima para a confecção dos fitoterápicos, 73,33% dos entrevistados relataram que fazem a extração nas plantas da vegetação local de Caatinga. A compra dos insumos em lojas especializadas é praticada apenas por 20% dos entrevistados e apenas 6,66% deles relataram que cultivam as plantas medicinais em casa.

A utilização da Caatinga ainda se fundamenta em âmbitos extrativistas para obtenção de produtos fitoterápicos. Grande parte da população que reside nas zonas afastadas dos centros urbanos, coo em comunidades quilombolas, exploram sua biodiversidade do ambiente no entorno das residências para sobreviver, obtendo alimentação, remédios, forragem, entre outros (LOIOLA et al. 2012). Há uma dificuldade de obtenção dos insumos em lojas especializadas, pois estas geralmente só são encontradas nos centros urbanos e não tem a diversidade de estoque que atendam às necessidades da comunidade.

A menor frequência do cultivo em casa das plantas medicinais, corrobora com o trabalho de Carniello et al. (2010), que ressalta que o cultivo caseiro de plantas etnofarmacológicas está ligado diretamente a necessidade do cultivador, considerando outros parâmetros como o porte das espécies e o espaço territorial disponível para o cultivo.

## CONCLUSÕES

Levando em consideração o conhecimento tradicional da comunidade alvo da pesquisa, constatou-se que o uso comum desses produtos naturais para fins medicinais continua em vigor. Isto está associado a fatores como a distância aos centros urbanos, custo-benefício de fármacos naturais em relação aos industrializados, as crenças e a cultura da comunidade que tem forte

ligação com uso de plantas medicinais e a presença na comunidade de rezadeiras/benedeiras.

O uso empírico das plantas medicinais é uma constância e gera uma demanda frequente para obtenção de insumos que, associada ao o extrativismo, pode causar impactos negativos na saúde dos moradores da comunidade e na sustentabilidade da biodiversidade local da Caatinga. Por fim, o resgate do conhecimento tradicional do uso de fitoterápicos pela comunidade quilombola de Conceição das Crioulas feito pela presente pesquisa, embora tenha origem empírica do ponto de vista farmacológico, atua como um registro da memória cultural desta comunidade e servirá de base para futuras pesquisas em fitofarmacologia.

## REFERÊNCIAS

ALEMDIA, M, Z.. **Plantas medicinais**, 3. ed. Salvador: UDUFBA, 2011.

ALEXIADES, M.N. Selected guidelines for ethnobotanical research: a field manual. New York, T. **New York Botanical Garden Press**. 1996.

ALMASSY JÚNIOR, A.A. et al. **Folhas de chá**: plantas medicinais na terapêutica humana. Viçosa: Editora da Universidade Federal de Viçosa, 2005. 233p.

APG III. 2009. An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants. **Botanical Journal of the Linnean Society** 161: 105-121.

ARGENTA, S. C.; ARGENTA, L. C.; GIACOMELLI, S. R.; CERATTO, B. S. Plantas medicinais: cultura popular versus ciência. **Vivências**, v 7, n. 12, 2011

ARRUDA-CAMARGO, M. T. L.. Os poderes das plantas sagradas numa abordagem etnofarmacobotânica. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, v.15, p.395-410, 2006. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2448-1750.revmae.2006.89745> Acesso em: 12 de Ago. de 2022.

BARRERA A (1979) La etnobotânica, três punhos de vista y uma perspectiva. In: BORRERA, A (ed). **Xalopa**, Instituto de Investigacion, p 19-25.

BARROSO RM, REIS A, HANAZAKI N. 2010. Etnoecologia e etnobotânica da palmeira juçara (*Euterpe edulis* Martius) em comunidades quilombolas do Vale do Ribeira, São Paulo. **Acta Bot Bras**. V.24, p. 518 - 528.

BRASIL, **Agencia Nacional de Vigilância Sanitária**. Formulário de Fitoterápicos da Farmacopeia Brasileira, Brasília. 2011. \_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Práticas integrativas e complementares: plantas medicinais e fitoterapia na atenção básica. (Série A. Normas e Manuais Técnicos) **Cadernos de Atenção Básica**; n. 31. Brasília: Ministério da Saúde, 2012. \_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Secretaria de Assistência à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS**: PNPIC-SUS. Brasília: Ministério da Saúde, 2006b, p. 50.

Almeida, V.S. & Bandeira, F.P.S.F. 2010. O significado cultural do uso de plantas da caatinga pelos quilombolas do Raso da Catarina, município de Jeremoabo, Bahia, Brasil. *Rodriguesia* 61(2): 195-209.

CARNEIRO, V. P. P., GUMY, M. P., OTÂNIO, J. K., MENETRIER, J. V., MEDEIROS, K.

A., BONKOSKI, V. R., GASPAROTTO JUNIOR, A., ESTEVAN, D. A., CASTRO, T. E., LOURENÇO, E. L. B., VELASQUEZ, L. G.; JACOMASSI, E. (2020). Perfil do uso de plantas medicinais por moradores da área rural de um Município do Estado do Paraná. **Research, Society and Development**, v. 9, n.10, p. 1-27.

CARNIELLO, M. A.; SILVA, R. S.; CRUZ, M. A. B.; GUARIM NETO, G. Quintais urbanos de Mirassol D'Oeste-MT, Brasil: uma abordagem etnobotânica. *SciELO. Acta Amazonica*, v. 40, n. 3, p. 451-470. Manaus. 2010.

CASTELLUCCI, S. et al. Plantas medicinais relatadas pela comunidade residente na Estação Ecológica de Jataí, município de Luís Antonio/SP: uma abordagem etnobotânica. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, v.3, n.1, p.51-60, 2000.

CREPALDI MOS, PEIXOTO AL. 2010. Use and knowledge of plants by Quilombolas as subsidies for conservation efforts in an area of Atlantic Forest in Espírito Santo State, Brazil. **Biodivers Conserv.** V. 19, p. 37 – 60.

CUNHA, A.P.; SILVA, A.P.; ROQUE, O.R. **Plantas e produtos vegetais em fitoterapia**. 1.ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003. 303p.

CYSNE, DN; FORTES, TS; REIS, AS; DE PAULO RIBEIRO B, DOS SANTOS FERREIRA A, DO AMARAL FM, GUERRA RN, MARINHO CR, NICOLETE R, NASCIMENTO FR. Antimalarial potential of leaves of *Chenopodium ambrosioides* L. **Parasitol Res.** 2016 Nov;115(11):4327-4334. doi: 10.1007/s00436-016-5216-x.

DAVID, E. F. S.; BOARO, C. S. F.; MARQUES, M. O. M. Rendimento e composição do óleo essencial de *Mentha piperita* L., cultivada em solução nutritiva com diferentes níveis de fósforo. **Revista brasileira de plantas medicinais**. v.8, n.4, p. 183-188, 2006.

FONSECA, C. Quando cada caso NÃO é um caso: pesquisa etnográfica e educação. **Ver. Bras. Educ.**1998, n.10 p 58-78.

FOTAKIS, C.; TSIGRIMANI, D.; TSIACA, T.; LANTZOURAKI, D. Z.; STRATI, I. F.; MAKRIS, C.; TAGKOULI, D.; PROESTOS, C.; SINANOGLU, V. J.; ZOUMPOULAKIS, P. Metabolic and antioxidant profiles of herbal infusions and decoctions. **Food Chemistry**, v. 211, p. 963-971, 2016.

FRANÇA, I.S.X. et al. Medicina popular: benefícios e malefícios das plantas medicinais. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 61, n. 2, p. 201-208, 2008.

GOMES, E. C. S., BARBOSA, J.; VILAR, F. C. R., PEREZ, J. O.; RAMALHO, R. C. Plantas da Caatinga de uso terapêutico: levantamento Etnobotânico. **Engenharia Ambiental: Pesquisa e Tecnologia**, Espírito Santo do Pinhal, v. 5, n. 2, p. 74-85, 2008.

IBGE, 2021a. **População estimada**: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, Estimativas da população residente com data de referência 1o de julho de 2021a. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/salgueiro/panorama> Acesso em: 21 de jul. de 2022.

IBGE, 2021b. **Mesorregião**: IBGE, Divisão Territorial Brasileira - DTB 2021b. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/salgueiro/panorama>. Acesso em: 21 de jul de 2022.

IBGE, 2021b. **Microrregião**: IBGE, Divisão Territorial Brasileira - DTB 2021c. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/salgueiro/panorama>. Acesso em: 21 de jul de 2022.

IBGE, 2022. **Área da unidade territorial**: Área territorial brasileira 2021. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/salgueiro/panorama>. Acesso em: 21 de jul de 2022.

KOLA-MUSTAPHA AT, YOHANNA KA, GHAZALI YO, AYOTUNDE HT. Design, formulation and evaluation of *Chasmanthera dependens* Hochst and *Chenopodium ambrosioides* Linn based gel for its analgesic and anti-inflammatory activities. **Heliyon**. 2020 Sep 14;6(9):04894. doi: 10.1016/j.heliyon. 2020.e04894. Acesso em: 02 de Ago. de 2022.

LEWIS, G. P.; SCHRIRE, B.; MACKINDER, B.; LOCK, M. 2005. Legumes of the world. **Royal Botanic Gardens**, Kew. 592p

LOIOLA, M. I. B.; ROQUE, A. A.; OLIVEIRA, A. C. P. Caatinga: Vegetação do semiárido brasileiro. **Revista Ecologi@**, v.4, p.14-19, 2012. Disponível em: [http://speco.fc.ul.pt/revistae-cologia\\_4\\_art\\_8\\_1.pdf](http://speco.fc.ul.pt/revistae-cologia_4_art_8_1.pdf) Acesso em: 02 de Ago. de 2022.

LORENZI, H.; MATOS, F. J. A. **Plantas medicinais no Brasil**: nativas e exóticas. São Paulo: Plantarum, 2002. 512p.

LORENZI, H.; MATOS, F.J.A. **Plantas medicinais no Brasil**: nativas e exóticas. Nova Odessa, Instituto Plantarum, 512 p. 2008.

LORENZI, HF; MATOS, FJA (2002). **Plantas Mediciniais do Brasil, nativas e exóticas**. 1 ed. São Paulo: Plantarum.

MAIA, N.M., 2004. **Caatinga**: árvores e arbustos e suas utilidades. São Paulo: Editora Leitura e Arte, p.211-216.

MAUAD, T. **Horta comunitária da faculdade de medicina universidade de São Paulo**. Guia informativo sobre plantas medicinais. São Paulo, 2016.

MIGUEL, M. D; MIGUEL, O. G; **Desenvolvimento de fitoterápicos**. São Paulo: Pobre Editorial, 1999.

MONTELES, R.; PINHEIRO, B.U.C. Plantas medicinais em um quilombo maranhense: uma perspectiva etnobotânica. **Revista de Biologia e Ciência da Terra**. v.7, n.2, p. 17-37. 2007.

MOREIRA, R.C.T.; COSTA, L.C.B.; COSTA, R.C.S.; ROCHA, E.A. Abordagem etnobotânica acerca do uso de plantas medicinais na Vila Cachoeira, Ilhéus, Bahia, Brasil. **Acta Farmacéutica Bonaerense**, v. 21, n. 3, p. 205-211, 2002.

MUNANGA, K. Origem e histórico do quilombo na África. Dossiê Povo Negro – 300 anos. **Revista USP**, v. 28, 1996, 56-63.

NEGRI, G, RODRIGUES, E. 2010. Essential oils found in the smoke of “tira-capeta”, a cigarette used by some quilombolas living in pantanal wetlands of Brazil. **Rev Bras Farmacogn**. V. 20, p. 310 - 316.

NETO, F. R. G.; ALMEIDA, G. S. S. A.; JESUS, N. G.; FONSECA, M. R. Estudo

Etnobotânico de plantas medicinais utilizadas pela Comunidade do Sisal no município de Catu, Bahia, Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, v.16, n. 4, p. 856-865, 2014.

NEVES, MCM. 2001. **Plantas medicinais**: diagnóstico e gestão. Série Meio Ambiente em Debate Nº 35, Ed. Ibama: Brasília, Brasil.

OLIVEIRA DR, COSTA ALMA, LEITAO GG, CASTRO NG, SANTOS JP, LEITAO SG. 2011. Estudo etnofarmacognóstico da saracuramirá (*Ampelozizyphus amazonicus* Ducke), uma planta medicinal usada por comunidades quilombolas do Município de Oriximiná- PA, Brasil. **Acta Amaz. V. 41**, p. 383 – 392

OLIVEIRA, A. K. M.; OLIVEIRA, N. A.; RESENDE, U. M.; MARTINS, P. F. R. B. Ethnobotany and traditional medicine of the inhabitants of the Patanal Negro sub-region and the raizeiros of Miranda and Aquidauna, Mato Grosso do Sul, Brazil. **Revista Brasileira de Biologia**, v. 71, n. 1, p. 283-239, 2011.

OLIVEIRA, A. R. M. F. Produção de óleo essencial de *Mentha x Piperita* var. *Citrata* sob diferentes condições de manejo. 2011. 83f. **Dissertação** (Mestrado em Produção Vegetal). Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus – BA, 2011.

OLIVEIRA, C.J.; ARAÚJO, T.L. Plantas medicinais: usos e crenças de idosos portadores de hipertensão arterial. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 9, n. 1, p. 93-105, 2007

OLIVEIRA, E.R.; MENINI NETO, L. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais utilizadas pelos moradores do povoado de Manejo, Lima Duarte - MG. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, v.14, n.2, p.311-320, 2012

PEREIRA, M. A. B.; BESSA, N. G. F. D.; BORGES, J. C. M.; BESERRA, F. P.; CARVALHO, R. H. A.; BESSA, N. G. F. D FAGUNDES, R.; CAMPOS, S. L.; RIBEIRO, L. U.; QUIRINO, M. S.; CHAGAS JUNIOR, A. F.; ALVES, A. Prospecção fitoquímica preliminar de plantas nativas do cerrado de uso popular medicinal pela comunidade rural do assentamento vale verde – Tocantins. **Revista Brasileira de Plantas Medicina**. 2014.

PEREIRA, R.C.; OLIVEIRA, M.T.R.; LEMOS, G.C.S. Plantas utilizadas como medicinais no município de campos de Goytacazes-RJ. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v.14, n.1, p.37-40, 2004.

SAMPAIO, L. A.; OLIVEIRA, D. R.; KERNTOPF, M. R.; BRITO, F. E. J.; MENEZES, I. R. A. (2013). Percepção dos enfermeiros da estratégia saúde da família sobre o uso da fitoterapia. **Revista Mineira de Enfermagem**. V. 17, n. 1, p.77-85.

SANTOS, F. V. O ofício das rezadeiras como patrimônio cultural: religiosidade e saberes de cura em Cruzeta na região do Seridó Potiguar. **Revista CPC**, n.8, p.6-35, 2009. DOI:<https://doi.org/10.11606/issn.1980-4466.v0i8p6-35> Acesso em: 12 de Ago de 2022.

SILVA JR, J. N. B., GUEDES, H. C. S., SILVA, V. C. L., FERREIRA, M. G. N., SANTOS, A. F., & MADRUGA, M. D. D. (2017). A enfermagem e a utilização de plantas medicinais no âmbito da atenção básica. **Revista de Ciências da Saúde Nova Esperança**. V. 15, n. 3, p. 61- 68.

SILVA, M.D.; DREVECK, S.; ZENI, A.L.B. Estudo etnobotânico de plantas medicinais utilizadas pela população rural no entorno do Parque Nacional da Serra do Itajaí - Indaial.

**Revista Saúde e Ambiente**, v.10, n.2, p.54-64, 2009.

SIMÕES, C.M.O.; MENTZ, L.A., SCHENKEL, E.P., IRGANG, B.E.; STEHMANN, J.R. **Plantas da medicina popular no Rio Grande do Sul**. Ed. UFRGS, 1998, 5<sup>o</sup> ed. Porto Alegre. SOUZA, M. As mulheres, a comunidade de Conceição e suas lutas: histórias escritas no feminino. **Dissertação** (Mestrado em História). Universidade de Brasília, Brasília, 2006. Disponível em: [http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/2333/1/2006\\_MariaAparecidaOliveiraSouza.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/2333/1/2006_MariaAparecidaOliveiraSouza.pdf). Acesso em: 18 abr. 2014.

TAUCHEN, J, HUML, L, BORTL, L., DOSKOCIL, I., JAROSOVA V., MARIK, P., FRANKOVA, A., PERALTA, Z., ZANS, M., HAVLIK, J., LAPCIK, O.; KOKOSKA, L. (2018): Screening Of Medicinal Plants Traditionally Used In Peruvian Amazon For In Vitro Antioxidant And Anticancer Potential, **Natural Product Research**, DOI: 10.1080/14786419.2018.1462180. Acesso em: 05 de Ago. de 2022.

VENDRUSCOLO, G.S.; MENTZ, L.A. Dados químicos e farmacológicos sobre as plantas utilizadas como medicinais pela comunidade do bairro Ponta Grossa, Porto Alegre. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v.15, p.361-372, 2005. XAVIER, A. R. SOUSA, L. M. MELO, J. L. M. (2019). Saberes tradicionais, Etnobotânica e o ensino de Ciências: estudo em escolas públicas do Maciço de Baturité, Ceará, Brasil. **Educação & Formação**, v. 4, n.11, p. 215-233.

Submetido em: 15/06/2022

Aceito em: 24/08/2022

Publicado em: 22/01/2023

*Avaliado pelo sistema double blind review*